

CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NO FAXINAL DO SALSO EM QUITANDINHA, PARANÁ

Resultado de investigação finalizada

GT 05 - Desarrollo rural, globalización y crisis

Oswaldo Heller da Silva (UFPR)

Emanuel Menim (UFPR)

RESUMO

Este artigo é resultado de pesquisa monográfica defendida na Universidade Federal do Paraná em 2010 para conclusão da graduação de Ciências Sociais. Propõe-se à análise dos conflitos socioambientais existentes no Faxinal do Salso. A construção do sujeito mobilizado nos faxinais do estado alcançou essa comunidade trazendo à tona conflitos antes latentes que desde então se manifestam de modo crescente. O foco da discussão é compreender o que são faxinais, quem são os faxinalenses e o que é a Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses. Busca-se também perceber a atuação e os avanços através do movimento social, bem como esta organização está ligada à construção de uma identidade faxinalense – propulsora do acirramento dos conflitos entre estes e os chacareiros e autoridades locais.

Palavras-chave: conflito socioambiental; faxinalenses; comunidade tradicional.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é divulgar resultados da pesquisa realizada no Faxinal do Salso, em Quitandinha, Paraná. Basicamente se verificam os conflitos existentes em torno da territorialidade, identidade étnica, saúde, meio ambiente e sustentabilidade. De um lado, faxinalenses, e de outro lado, chacareiros e autoridades locais. O objetivo dos primeiros é a continuidade de seu modo de vida específico e a manutenção e ampliação de seus espaços físicos de reprodução social e animal. Os demais buscam a desativação do faxinal e o cercamento das terras, ou seja, a individualização dos espaços físicos.

Através de entrevistas, de observações de campo e de uma literatura disponível, busca-se retratar a configuração dos conflitos atuantes no faxinal do Salso em relação à territorialidade, identidade étnica, meio ambiente, sustentabilidade, saúde, assim como os anseios, lutas e conquistas desse povo tradicional.

2. Definições fundamentais acerca da temática dos faxinais

Por definição, faxinal é o lugar dos faxinalenses. Estes são povos tradicionais cuja formação social tem como característica principal – reconhecida pelo Estado brasileiro e pelo Paraná – o criadouro comum, o uso coletivo e sustentável da terra e dos recursos hídricos e florestais disponíveis em seus territórios, onde costumam praticar o extrativismo do pinhão e da erva-mate. Os animais, recursos privados, vivem em espaços particulares tornados comuns pela ausência de cercas cujo objetivo é a criação à solta dos bichos, em especial os suínos. Este é o lugar chamado faxinal, situado no meio da mata de araucárias e de outras espécies florestais características do interior do Estado do Paraná.

Neste espaço, apesar de guardar variações de uma comunidade para outra em sua composição, há moradias onde em pequenas áreas de terras, os quintais, cultivam hortas e, por vezes, plantas medicinais em lugar separado por cercas do criadouro. Os agricultores também trabalham um espaço fora do faxinal denominado “cultura”, que difere do faxinal por se tratar de área totalmente cercada para impedir a entrada dos animais, e que é destinada à lavoura na qual geralmente se cultiva milho, feijão, arroz, mandioca, ou monocultura de soja, ou, fumo em alguns casos. Assim, um território composto e complexo que combina uso comum de recursos e apropriação privada da terra, além da preservação ambiental, é característica marcante dos faxinais, e prática tradicional dos faxinalenses.

A questão central dos conflitos que acontecem nos Faxinais gira em torno da territorialidade. Há décadas que o modelo da agricultura convencional e a mercantilização das terras avançam gradualmente sobre os territórios faxinalenses. Além disso, há também os chacareiros que, na ótica dos faxinalenses, são pessoas aposentadas que não dependem da vida na cidade e que procuram um pedaço de terra e o encontra em meio aos faxinais. Os chacareiros não compreendem o modo de vida faxinalense e por isto cercam suas terras diminuindo o território do faxinal, diminuindo a área de reprodução social e dos animais. Este é o recorrente motivo de conflito entre faxinalenses e chacareiros.

Este cenário de ameaça aos territórios específicos pelo avanço da agricultura convencional e dos chacareiros nas últimas décadas foi motivo suficiente para que em agosto de 2005 fosse realizado em Irati, Paraná, o 1º Encontro dos Povos de Faxinais. Neste encontro a Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF) surgiu como um movimento social que tem como proposta a valorização cultural e social dos faxinalenses, bem como o fortalecimento da luta pela terra e por um modelo sustentável de produção adaptado ao seu modo de vida.

Há avanços conquistados pela APF tanto em relação ao poder público como no reconhecimento da territorialidade específica dos faxinalenses por Leis Estaduais, Municipais e Federais. Há vitórias também no âmbito organizacional, na mobilização de novas comunidades e na divulgação da **Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil** (2008). No entanto, apesar destes avanços, o maior conflito continua sendo, em grande medida, a perda de territórios para os chacareiros e para o agronegócio. Desta forma, o espaço físico de reprodução cultural diminuiu drasticamente nos últimos anos.

3. Conflitos territoriais, identidade étnica e o acirramento dos antagonismos no faxinal do salso

O Faxinal do Salso pertence à cidade de Quitandinha – que dista 71 km de Curitiba, capital paranaense – e está situada na bacia hidrográfica do Rio Iguaçu. Habitam no Faxinal do Salso aproximadamente cinquenta famílias, das quais vinte e cinco se autorreconhecem como faxinalenses.

Práticas consideradas tradicionais que ainda persistem são as do mutirão para a construção e reforma das cercas e para o beneficiamento da erva-mate. Também a criação do animal a solta, assim como a partilha da carne e as trocas de produtos das hortas, que continuam existindo em todos os quintais.

No entanto, a lavoura é coisa rara, pois são poucos os que ainda lidam com ela. A maioria das pessoas que têm emprego formal ou informal são homens. Estes, solteiros ou casados, encontram emprego atualmente fora do faxinal, seja na construção civil, seja no funcionalismo público, ou, seja na iniciativa privada. Apesar disso, contudo, retornam à comunidade todos os dias os que trabalham por perto, ou sempre nos dias de folga os que exercem suas profissões longe de casa, pois lá residem e continuam vivendo muitas de suas práticas e costumes.

Foi a partir da década de 1980 que os chacareiros foram se instalando na região. Estes, apesar de não dependerem do fruto da terra, usam-na para plantar roças, criar animais fechados e ou cultivar pinus para vender às serrarias. Segundo os faxinalenses é comum que os chacareiros desmatem para dar

lugar as suas práticas. Em princípio o relacionamento entre os moradores que gozavam desses dois modos de vida distintos era pacífico, contudo, não tardou para que os faxinalenses percebessem mudanças em relação ao território, pois era comum o novo morador cercar sua terra, gerando descontentamento do povo tradicional.

Os conflitos entre faxinalenses e chacareiros não eram alarmantes, e embora estes agissem como achassem melhor, aqueles não protestavam publicamente diante das mudanças que aconteciam a sua volta. O encurtamento dos espaços de reprodução dos animais através do cercamento de parte das terras e da construção de novos mata-burros e a consequente superpopulação de bichos – quando a mata não é mais suficiente para alimentar os animais – foi o que chamou a atenção dos faxinalenses e os deixou cada vez mais descontentes. O desmatamento também foi motivo de preocupações. Estas questões quase geraram a desativação do criadouro comunitário, e com certeza engendraram o temporário enfraquecimento da coesão do grupo. Segundo a entrevista cedida pelo Faxinalense A¹ (2009), o povo tradicional não se manifestava porque não havia organização entre eles e nem o conhecimento de leis e direitos que os amparassem – instrumentos necessários para a luta.

Segundo Faxinalense A, a forma de resolver os problemas advindos da invasão dos animais de faxinalenses nas hortas e lavouras dos chacareiros não estava certa. Os chacareiros não entendiam, e ainda não entendem que a única forma de manter os animais fora de suas terras é cercando corretamente este espaço, ou seja, com 8 a 12 fios de arame, como era costume no local. Mas, ignoraram o costume e procuraram agir da forma como lhes aprouvesse, portanto, o que habitualmente acontecia era que prendiam o animal invasor e cobravam um resgate, alegando que o bicho havia comido parte de seus produtos da terra. O faxinalense, silencioso ainda, pagava os danos. Ou, em outros casos mais graves, os chacareiros machucavam e até aconteceu casos de matarem animais.

Em 2005 a APF iniciou o processo de organização do movimento social no Paraná. Nesta época os moradores do Salso receberam a visita do pesquisador Luís Almeida Tavares que iniciou um processo que atingiu toda a comunidade, a começar pelos faxinalenses que passaram a ter conhecimento da importância do seu modo de vida, e que este é entendido como tradicional, portanto, objeto de leis específicas que lhes garantem direitos referentes a esta forma de viver. O novo horizonte que se lhes abriu a partir dessas informações sobre si mesmos os tirava da condição de invisibilidade diante da sociedade, e da condição de vizinhos passivos diante das práticas desrespeitosas dos chacareiros.

Desde a chegada de Tavares se fizeram sentir mudanças sensíveis nas relações dentro do Faxinal do Salso. Antes, havia uma grande dificuldade de representação dos interesses dos faxinalenses locais, e a unidade havia sido abalada nas últimas décadas em virtude das mudanças que os chacareiros haviam empreendido. Apesar da discordância entre grupos de moradores da comunidade diante das boas novas acerca dos direitos dos povos tradicionais, o que aconteceu foi o fortalecimento e a coesão entre os remanescentes das práticas tradicionais, como é possível observar na fala do Faxinalense A.

Ah, mudou muita coisa. Principalmente a organização. Se organizar o povo luta. Se o povo tem o conhecimento das leis pode chegar perante o poder público para cobrar e saber se defender. Porque sem isso o faxinalense não tem força. É necessário cada vez mais se organizar e participar de reuniões, de encontros e debater, e, então, esse é o fato fundamental para o

¹Em virtude dos conflitos que tendem a um acirramento ainda maior na região estudada, acreditamos ser necessário que os nomes tanto de faxinalenses como de chacareiros sejam poupados. Por isso, usaremos outra forma de nominá-los, como Faxinalense A, Faxinalense B, Faxinalense C, e Chacareiro X, Chacareiro Y. Os secretários municipais e o vereador entrevistados serão citados de maneira formal porque são pessoas públicas, por isso torna-se desnecessária a ocultação de seus nomes.

faxinalense: buscar resistência e conhecimento que vão criando as leis estaduais, as leis federais.

Os conflitos da região na atualidade variam desde o problema sobre o território até o conflito dos discursos. Há inúmeras contradições entre o que dizem as partes sobre muitos assuntos. Apesar disso, tanto faxinalenses quanto chacareiros acreditam que antes da APF não existiam conflitos. Isso pode ser percebido na fala do Faxinalense B.

Conflito foi de pouco tempo que começou. Foi meio depois [da APF]. Antes não havia esses conflitos. Quando os chacareiros vinham, cercavam e pronto. Nós achávamos ruim, mas não conhecíamos direito nenhum. Nunca ninguém ia falar, pois não adiantava ir falar. Só de boca eles nem iriam escutar. Eles diriam: não, mas eu comprei aqui e faço o que quero (...) daí, se prendessem [o animal] e eles avisassem, vinham para cobrar o dano (...) Mas, isso não era motivo de briga. Ninguém encrencava por aí por causa disso.

Ora, a fala da Faxinalense B revela que havia grande passividade dos moradores da comunidade em relação às atitudes dos chacareiros. Eles não reclamavam e não exploravam os conflitos latentes de modo a deixar evidente o que queriam. Tal atitude pode ser entendida como reflexo da falta de coesão do grupo, da ausência de uma organização que os dirigisse no sentido do atendimento de suas demandas referentes à administração dos espaços territoriais em que viviam, da falta de ciência no que tange às leis. Também, é possível perceber que embora houvesse conflitos concretos – pois o descontentamento era sentido entre os membros da comunidade e é possível que os faxinalenses, entre si, queixassem uns aos outros manifestando suas opiniões contrárias as dos chacareiros, e desagradadas com o que estava acontecendo dentro do Faxinal – não há o reconhecimento da maioria sobre a existência destes conflitos, pois parece que para muitos moradores esta palavra é sinônimo de brigas, desavenças e discussões diretas. É a falta desses tipos de interações conflitantes que gera nos moradores do Faxinal do Salso tal sentimento. Os chacareiros, como não estavam sendo incomodados pelas vozes e ações do povo tradicional, não percebiam que existiam pendências além da invasão dos animais em seus territórios, sempre resolvidos a maneira dos chacareiros. No entanto, a simples oposição já comprova a existência dos conflitos, que mesmo que não fossem aparentes eram latentes. A fala a seguir dada pelo Faxinalense C demonstra bem isso.

Já existia [conflito], mas não sabíamos nos defender, não tínhamos conhecimento das legislações que nos amparam (...) quando chegou ao nosso conhecimento o movimento [social], a Articulação Puxirão dos Povos Faxinalense, já estávamos sofrendo muitos conflitos pelos chacareiros estarem comprando terras e fazendo dentro do nosso território áreas de lazer, individualizando a terra quando era para uso comum de todos, desmatando, ou seja, descaracterizando o nosso modo de vida.

O conhecimento das leis levou ao acirramento dos conflitos e, por conseguinte, os faxinalenses passaram a ser ouvidos, conseguindo em muitos casos impor suas demandas.

Dentre as reivindicações dos faxinalenses organizados do Salso, destaca-se a busca do reconhecimento de seus territórios pelo Decreto Estadual n.º 3.446/97 que determina a criação de Área Especial de Uso Regulamentado (ARESUR), cuja importância é o direito de receber o recurso do ICMS Ecológico para melhoria da qualidade da área protegida no tocante a preservação ambiental, bem como para a melhoria da estrutura física das moradias, das cercas, em suma, manutenção da cultura e melhoria da qualidade de vida dos moradores. Sobre o recurso ele é administrado pela prefeitura e aplicado não em sua totalidade, mas em parte na comunidade definida como ARESUR, pois o

município tem o direito de usar uma parte dos recursos para atender as suas próprias demandas. A comunidade do Salso tem conhecimento do funcionamento da lei, que determina ser a Prefeitura responsável por receber o recurso e aplicá-lo na comunidade da forma que achar mais conveniente, ou necessária, através de diálogos estabelecidos entre o poder público local e os moradores da ARESUR. Esta questão gera polêmica entre os lados opostos do faxinal do Salso, pois ela é vista pelos chacareiros como o fato propulsor do interesse dos moradores da comunidade em se mobilizarem como faxinalenses. Sobre Tavares o Chacareiro X argumenta:

Teve outro pesquisador, que veio também fazer uma tese de doutorado, e ele acabou ouvindo só um lado da comunidade e na verdade denegriu a forma como o processo foi conduzido e foi prometendo que esse pessoal iria reativar o faxinal e iria receber o ICMS ecológico em cima disso.

Os antagonistas acreditam que parte da comunidade aceitou as propostas da APF de olho no ICMS Ecológico. Percebemos reincidência na fala do Chacareiro Y.

A impressão que nos dá é que eles acham que se oficializar um faxinal aqui eles vão receber algum tipo de verba. A realidade, na minha opinião, é essa. (...) e o ICMS Ecológico não é assim que funciona. Vai para um fundo da prefeitura e a prefeitura vai decidir o que ela quer fazer com aquele recurso.

Essa percepção de identidade étnica forjada com vistas unicamente a vantagens econômicas é contraditória, pois o faxinalense não se mobilizou em virtude do ICMS Ecológico, mas em razão da organização política em torno de seus direitos sobre o território. O ICMS Ecológico é um importante recurso que diz respeito aos seus direitos territoriais, mas não é a única demanda referente a eles. Ademais, a identidade faxinalense se refere a uma cultura, a um modo de vida baseado em práticas e costumes tradicionais, e também a territórios tradicionais.

4. O embate acerca da saúde, meio ambiente e sustentabilidade

As questões da saúde do povo e da degradação do meio ambiente têm sido os principais argumentos dos entrevistados não-faxinalenses contra a continuação dos criadores comunitários em Quitandinha. Há, no município, várias comunidades que vivem com criação extensiva de animais, mas, apenas no Faxinal do Salso o povo assumiu a identidade étnica faxinalense através do autorreconhecimento. As demais têm sofrido com a pressão dos chacareiros para seu encerramento, e a falta de coesão e organização dos grupos, além da falta de conhecimento referente às leis, tem tornado cada vez mais precária a continuação do modo de vida tradicional nessas comunidades. Algumas já foram desativadas e outras ainda persistem, mas há cada vez mais dificuldades para a permanência delas.

As Secretarias municipais da Saúde e da Agricultura e Meio Ambiente, dirigidas por Jaqueline Ribas e Norlon Paulo Gabardo, respectivamente, são as que se envolvem com essas questões nos faxinais, cada qual em sua especialidade. Os secretários, quando solicitados por alguma região em que há divergência entre seus moradores por causa dos animais a solta, dão palestras buscando esclarecer aquilo que do ponto de vista destas secretarias é o melhor para a saúde, agricultura e meio ambiente no município. Segundo Jaqueline Ribas:

Nós, aqui da secretaria da Saúde, vamos à comunidade não para dizer façam ou não façam, está certo ou está errado, porque essa não é nossa função. Nós vamos para levar informações

acerca de saúde pública, onde nossa preocupação é com relação à contaminação por conta de fezes de animais ou de como é trabalhado essa questão dentro do faxinal, e se há cercas nas hortas, entende? Pra que não haja uma contaminação pelas fezes para os moradores da comunidade.

Sobre a contaminação de rios e a transmissão de doenças por meio dos animais, Jaqueline acrescenta que gatos, ratos, cães, dentre outros, também transmitem verminose pelas fezes, portanto, o gado a solta apenas soma ao contingente de bichos que podem transmitir doenças. A carne do porco e a água contaminada não são os únicos que acarretam possíveis males à saúde, pois a próprio alimento da terra, quando não lavado corretamente, pode gerar doenças em virtude das fezes dos animais.

Norlon Paulo Gabardo não quis gravar entrevista. Entretanto, diz que apesar de não ser a favor da continuidade dos faxinais pelos inúmeros conflitos que existem no município por conta deste modo de vida, sabe que as leis são a favor dos faxinalenses, e ele, como funcionário, deve respeitar a lei independente da sua opinião. Contudo, acredita que a criação a solta é prejudicial, pois os animais urinam e defecam nos rios, causando riscos à saúde, e ademais, o gado pisoteia ou come as novas mudas impedindo a renovação de espécies florestais, o que é prejudicial ao meio ambiente.

Loir Esconiscki, presidente da Câmara dos Vereadores de Quitandinha, ex-faxinalense, corrobora com os discursos dos secretários quando diz:

Eu sei que existem leis pros faxinalenses. Por um lado nós temos muitas famílias nonosso município que são de pequenas posses. Elas não têm onde por o porco, o cabrito, o cavalo, a vaca deles. Então eles dependem de terreno de outros vizinhos que estejam em aberto para essa criação poder ter o pasto. Mas, por outro lado, é um pouco complicado porque o porco é uma vítima da neurocisticercose. E se nós formos fazer um levantamento hoje, em nível de saúde, aonde existe o criadouro nós temos vários casos de epilepsia. Algum caso diagnosticado, outro pode ser que ainda não.

Mas parte deste depoimento contradiz a fala de Jaqueline Ribas, secretária da saúde.

Nós não temos nenhum dado ou levantamento feito com relação à contaminação em faxinais. Nós só vamos para orientar o que pode acontecer de uma forma geral. [Falamos sobre] a contaminação de seres humanos por fezes de animas, quais são as doenças que são transmitidas (...) [como] a hepatite, que pode ser [transmitida] por conta da água contaminada, pois o animal pode defecar na água. Tem a leptospirose (...) várias doenças que a gente relata para comunidade para a prevenção.

A preocupação em relação à saúde e ao meio ambiente, por um lado, está limitada ao animal dos faxinalenses a solta pelos motivos já explicitados, e pela degradação do meio ambiente por causa da forma extensiva da criação animal. No entanto, em nenhum desses entrevistados vemos a preocupação com agrotóxicos, largamente utilizados pelos agricultores não-faxinalenses na região e que são, de modo incontestado, muito mais prejudiciais ao ser humano e à natureza. Há conhecimentos mais ou menos esperados e administráveis sobre a convivência de animais e seres humanos no mesmo espaço, haja vista que isso acontece desde o surgimento dos seres humanos no mundo. No entanto, há poucos conhecimentos sobre as consequências da convivência entre estes e agrotóxicos, ou entre o contato da natureza física e esses componentes químicos. No site³ da Universidade Federal Rural do

³ Em: <http://www.ufrj.br/institutos/it/de/acidentes/vene3.htm>, atualizado em 1/12/2010

Rio de Janeiro, há algumas informações sobre as doenças e acidentes que podem ser provocados por agrotóxicos.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS, as intoxicações aguda por agrotóxicos são da ordem de 3 milhões anuais, com 2,1 milhões de casos só nos países em desenvolvimento. O número de mortes atinge 20.000 em todo o mundo, com 14 mil nas nações do terceiro mundo. Mas, acreditam os especialistas, as estatísticas reais devem ser ainda maiores devido à falta de documentação a respeito das intoxicações subagudas, causadas por exposição moderada ou pequena a produtos de alta toxicidade, de aparecimento lento e sintomatologia subjetiva, e intoxicações crônicas, que requerem meses ou anos de exposição, e tardiamente revelam danos como neoplasias (UFRRJ, 2010).

Apesar disso, permeia as falas dos entrevistados que não são faxinalenses as questões da saúde, meio ambiente e sustentabilidade, como destacados até aqui. As críticas à permanência da comunidade de Faxinal com animais a solta pode ser resumida na fala do chacareiro X.

Eu sou neto de criadores de sistemas extensivos numa época, num período de quarenta anos atrás, aonde o que existia? Uma baixa densidade populacional no meio rural, uma alta densidade de frutas nativas e de alimentos pros animais e também uma baixa densidade de população de animais. (...) o que está acontecendo hoje aqui? Alta população de pessoas morando na comunidade, alta população de animais, quer dizer, o aspecto sanitário...! Não existe preservação ambiental porque esses animais ficam (...) degradando nascentes, fazendo as necessidades nas nascentes (...). Eu tenho um outro colega [Chacareiro Z] que mora ha uns 800 metros daqui, também é técnico da EMATER, é biólogo, e ele fez a pós-graduação dele. A monografia que ele fez foi em cima, justamente, da recuperação de algumas espécies nativas aqui, dentro da comunidade do Salso, onde ele constatou que, em função da criação de animal solto, algumas espécies não estavam tendo recuperação natural nenhuma. Zero. Então, quer dizer, morreram as árvores velhas, acabou-se.

É possível observar, levando em consideração a fala acima, um desequilíbrio ambiental na região pelo aumento da população, mas não se justifica a ideia de precarização do meio ambiente pelo aumento da criação a solta da forma como foi dita. O Chacareiro Y, quando entrevistado, disse que desde que chegou ao Faxinal do Salso, há dez anos, não percebeu que tenha aumentado significativamente o número de criações na comunidade. O que acontece é que os espaços de reprodução animal foram encurtados com a chegada dos chacareiros que impuseram seus limites espaciais em meio a um território tradicional que há séculos mantém as criações livres. Então, as condições necessárias para a manutenção do modo de vida tradicional foram prejudicadas por fatores externos a comunidade de Faxinal, e não por fatores internos. Com isso, é necessário relativizar as questões da saúde e do meio ambiente na comunidade pensando que elas existem por causa de uma combinação de fatores: o aumento populacional em virtude da reprodução natural das famílias e pela chegada de pessoas de fora da comunidade, o que ocasionou a diminuição dos espaços de reprodução social por causa da instalação de chacareiros no Faxinal do Salso.

Em campo, também, observou-se a renovação de várias espécies de plantas na comunidade em questão, mas parece haver certa concordância entre as partes sobre a dificuldade de regeneração de algumas espécies da mata. O Faxinalense C acredita que a mata “ainda se renova, mas não como nós gostaríamos de ver: um território muito bem potencializado pela diversidade de árvores frutíferas dentro do nosso território”.

O Decreto n. 6040/2007, refere-se a instituição da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), que no Art. 3º define algumas questões, dentre elas o que se entende por desenvolvimento sustentável. Para o Estado é “o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras” (Brasil, 2007).

Deste modo, é possível, sem uma análise mais profunda dos fatos, concluir que o Faxinal do Salso não tem atendido a esse quesito. É o que pensam os entrevistados que não são faxinalenses. Entretanto, apesar dessas críticas, os moradores da comunidade acreditam que seu modo de vida tem sido prejudicado pelo que discutimos nas linhas acima, ou seja, pelo encurtamento dos espaços de reprodução social que engendra o desequilíbrio ambiental. Foi-nos contado que antes da chegada dos chacareiros cada criador tinha espaço mais que suficiente para a criação de animais, e embora hoje vivam em um número maior de famílias num espaço muitíssimo menor, acreditam que o ideal é que cada família tivesse pelo menos 20 alqueires de terra destinados à criação para equiparar as condições que tiveram outrora, guardando ainda as devidas proporções do aumento populacional. A crítica e defesa dos faxinalenses podem ser resumidas na fala do Faxinalense C.

Eles não conhecem a nossa realidade, não sabem nem mesmo o quanto de terra cada família precisa para se desenvolver dentro do território faxinalense. Então, não sabem da realidade que nós temos, da pouca terra pra desenvolver uma vida sustentável dentro do território faxinalense e com as terras de planta também. (...) Eles fazem olhares pelo sistema dominante que nós vivemos hoje, de grandes empresas, de grandes quadros urbanos, e dizem que nós vivemos um sistema atrasado. Mas, ignoram que foi a própria política que não trouxe uma educação de qualidade, não construiu nenhuma escola técnica voltada a nós do campo. (...) Mas, ainda assim nós não somos um povo atrasado. Nós somos um povo muito inteligente. (...) O que precisa pra nós é que funcione uma política específica de territórios, de modo de vida, pra nós desenvolvermos a nossa cultura. Não precisa destruir essa natureza linda, cheia de árvores, cheia de rios pra dizer que somos adiantados. (...) É só respeitar que somos cidadãos, seres humanos normais iguais a eles. O que precisa é de uma oportunidade, de uma política de fortalecimento, e uma educação de qualidade pro nosso povo. Educação profissional pro nosso povo. Nós também temos capacidades iguais às deles.

A PNPCT, no Art. 3º, define também territórios tradicionais como sendo “os espaços **necessários** à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais” (Brasil, 2007).

Sendo assim, a grande questão a ser observada e trabalhada no Faxinal do Salso não é apenas a da saúde ou da sustentabilidade, tão criticada pelos antagonistas dos faxinalenses, pois ela nunca será ideal enquanto os espaços não forem ideais. A grande questão que envolve os conflitos no Faxinal do Salso é a do território tradicional. Então, é necessário que as autoridades busquem providências cabíveis para que a lei federal seja cumprida. A situação no Faxinal do Salso tende a se agravar tanto em aspectos ambientais e de saúde pública como em relações sociais enquanto o poder público em Quitandinha ignorar a existência dessa comunidade, e ignorar um território tradicional, de um povo tradicional. Por outro lado, será a justa legislação municipal que impulsionará o projeto de estabelecimento das garantias territoriais asseguradas pela legislação federal.

5. Considerações finais

Os territórios dos faxinalenses – não só no município de Quitandinha, mas também em todo o estado do Paraná – vêm sendo diminuídos e expropriados nas últimas décadas. As comunidades

restantes precisaram se organizar para enfrentar o problema da diminuição de seus espaços de reprodução social. A organização em movimento social elevou o reconhecimento e fortalecimento da identidade étnica, deu maior coesão ao grupo, e eles estão mais informados sobre seus direitos e lutam politicamente por eles. A questão da territorialização nos faxinais sofreu mudanças desde que as comunidades se organizaram com a APF. O que consolidou a mudança foi, em princípio, a organização do povo em torno de um objetivo comum: a luta pela terra. Em consequência, legislações favoráveis em nível federal e estadual surgiram. As leis mudaram as relações entre os faxinalenses e seus antagonistas.

No Faxinal do Salso não têm surgido novas cercas que impeçam a passagem livre dos animais. Os faxinalenses desta comunidade têm esperança no ICMS Ecológico e estão se organizando para viabilizar este recurso. Mas ainda há conflitos entre faxinalenses e chacareiros. Os primeiros têm um modo de vida que é pouco entendido pelos segundos que querem usar suas terras como acharem melhor. Certamente as leis estão do lado dos faxinalenses, porém elas não estão sendo cumpridas de maneira ideal. A fiscalização do município é pífia, principalmente por causa de interesses econômicos, pois como pudemos perceber por meio da entrevista realizada com o vereador Loir Esconiscki, os chacareiros têm um poder aquisitivo maior do que o dos faxinalenses que vivem de uma economia de subsistência. Por isso é interessante ao município manter os chacareiros nos territórios ocupados, pois há um impulso ao comércio local.

Os não-faxinalenses entrevistados também acreditam que as práticas tradicionais do faxinal revelam um modo de vida “atrasado”, e que acarreta deficiências econômicas e riscos à saúde do povo. Esse tem sido o principal argumento dos políticos, secretários e chacareiros envolvidos com a questão em Quitandinha a favor da desativação dos criatórios. No entanto, todos reconhecem que se os faxinalenses não aceitarem seus argumentos nada poderá ser feito, pois a legislação garante os direitos sobre territórios e modos de vida dos povos tradicionais.

É importante pensar que a chegada dos chacareiros no faxinal representa mais do que uma desestruturação física do espaço tradicionalmente constituído e utilizado. Esta presença também funciona como um catalisador de enfraquecimento de práticas e usos culturalmente constituídos e presentes no cotidiano destas famílias há séculos. Dessa forma, se eles conseguiram, legalmente, o reconhecimento como povos tradicionais, é necessário que os órgãos responsáveis lhes garantam a continuidade de seus modos de vida.

Portanto, é fundamental nos municípios aonde existem comunidades de faxinais, inclusive em Quitandinha, que haja uma conscientização do poder público local sobre a importância desses povos para que o preconceito que persiste em categorizá-los como povos “atrasados” seja superado, e que o símbolo dessa superação seja a criação de leis municipais para assegurar de maneira eficaz os direitos outorgados pela lei federal aos povos tradicionais, detentores de territórios tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.* (2008). Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais. Guarapuava.
- Menim, E. (2010) *Movimento social dos faxinalenses: identidade étnica e luta pelo território, em Quitandinha, Paraná. Monografia não publicada.* Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.
- Chang, M.Y. (1985) *Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no centro sul do PR. Dissertação de mestrado não publicada.* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Martins, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil.* As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1981.

FONTES

- Menim, E. (Locutor Entrevistador). Chacareiro X (Locutor Entrevistado). Entrevista com Chacareiro X, morador do faxinal do Salso: Movimento social dos faxinalenses: identidade étnica e luta pelo território, em Quitandinha, Paraná. (Digital Audio em MP3). Quitandinha em 07/2010.
- Menim, E. (Locutor Entrevistador). Chacareiro X (Locutor Entrevistado). Entrevista com Chacareiro X, morador do faxinal do Salso: Movimento social dos faxinalenses: identidade étnica e luta pelo território, em Quitandinha, Paraná. (Digital Audio em MP3). Quitandinha em 07/2010.
- Menim, E. (Locutor Entrevistador). Faxinalense A (Locutor Entrevistado). Entrevista com Faxinalense A, morador do faxinal do Salso: Movimento social dos faxinalenses: identidade étnica e luta pelo território, em Quitandinha, Paraná. (Digital Audio em MP3). Quitandinha em 07/2010.
- Menim, E. (Locutor Entrevistador). Faxinalense B (Locutor Entrevistado). Entrevista com Faxinalense B, morador do faxinal do Salso: Movimento social dos faxinalenses: identidade étnica e luta pelo território, em Quitandinha, Paraná. (Digital Audio em MP3). Quitandinha em 07/2010.
- Menim, E. (Locutor Entrevistador). Faxinalense C (Locutor Entrevistado). Entrevista com Faxinalense C, morador do faxinal do Salso: Movimento social dos faxinalenses: identidade étnica e luta pelo território, em Quitandinha, Paraná. (Digital Audio em MP3). Quitandinha em 07/2010.
- Menim, E. (Locutor Entrevistador). RIBAS, J. (Locutor Entrevistado). Entrevista com Jaqueline Ribas, secretária da Saúde de Quitandinha: Movimento social dos faxinalenses: identidade étnica e luta pelo território, em Quitandinha, Paraná. (Digital Audio em MP3). Quitandinha em 02/06/2010.
- Menim, E. (Locutor Entrevistador). Esconiscki, L. (Locutor Entrevistado). Entrevista com Loir Esconiscki, presidente da Câmara dos Vereadores de Quitandinha: Movimento social dos faxinalenses: identidade étnica e luta pelo território, em Quitandinha, Paraná. (Digital Audio em MP3). Quitandinha em 02/06/2010.

LEGISLAÇÃO

- Lei Complementar n. 59, de 1 de outubro de 1991. Dispõe sobre a repartição de 5% do ICMS, a que alude o artigo 2º da Lei 9.441/90, aos municípios com mananciais de abastecimento e unidades de conservação ambiental, assim como adota outras providências. Paraná, Curitiba: Governo do Estado.
- Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF: Presidência da República.